



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio
Editorial

AutORIZADO a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Pode abrir-se para verificação postal.

DE00442018AN

O Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

26 de Maio de 2018 • Ano LXXV • N.º 1936
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



Panorâmica da Aldeia dos Rapazes de Paço de Sousa em 1960.

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Casa do Gaiato de Paço de Sousa

SE o abecedário começa com um A, e é dele que se constroem todas as palavras, a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa começou a sua construção com três: António, de Celorico; Amadeu, de Elvas; e o Adolfo, de Coimbra. Todos eles vindos da nossa Casa de Miranda do Corvo, foram três Ases que ergueram a bandeira para uma nova conquista, sonhada por Pai Américo, para os rapazes das ruas do Porto, e que depois se alargou num abraço a muitos outros de todo o Portugal e além.

Foi há 75 anos, mais precisamente no dia 31 de Maio de 1943, que estes três fundadores/pioneiros pisaram, com Pai Américo, o solo onde se construiria, em menos de três anos, a Aldeia dos Rapazes de Paço de Sousa.

Nada se construiu a partir do zero. Antes que a construção tivesse o seu início, já no peito do fundador estava o seu alicerce fundamental: o Santíssimo Nome de Jesus. Em nome d'Ele, inspirado por Ele, providencialmente sustido por Ele se lançaram os alicerces e se conduziu a obra.

Parecendo, aos menos sensíveis, exclusivamente obra humana, ela é, de verdade, obra humana com sabor divino. Este sabor que a destaca de tudo o mais feito com o mesmo fim, foi-lhe dado e renovado por aquele que a gerou no seu peito, dando-lhe o ser e o crescer — Pai Américo.

«Eu quisera que a Casa do Gaiato fosse um monumento de fé, aquela mesma que o Apóstolo define como sendo o fundamento das coisas que se esperam e a demonstração das que se não vêem; de tal sorte que o visível seja feito do invisível.»

No primeiro ano «demos 509 contos aos trabalhadores das redondezas e outro tanto foi distribuído por indústrias que nos fornecem o material. Sentamos actualmente 70 pessoas à mesa. Cultivamos a nossa quinta. Temos a nossa escola. Publicamos “O Gaiato” que fala e sente como eles.

Mas onde é que ele vai arranjar tanto dinheiro? — exclama o mundo apavorado. Sim, onde?... Mestre, se assim é, quem pode salvar-se? A Deus, tudo é possível, foi a resposta de Jesus aos homens do seu tempo. Pois deixo aqui a mesma resposta a todos quantos duvidam. A tal ponto se esqueceu o Evangelho, que o vivê-lo é escândalo.»

Nestes 75 anos, foram cerca de um milhar e meio os Rapazes que aqui viveram e cresceram em humanidade, construindo a Obra que é deles, para eles e por eles. Foram Padres e Senhoras que aqui deram a sua vida realizando a sua vocação. Foram Amigos que na partilha dos seus bens fecundaram as suas vidas. Foi um manancial de vida vivida em milhares de dias, continuada no Tempo sem tempo...

Foi também este um lugar de mártires, de heróis, de santos, e assim há-de continuar. □

MOÇAMBIQUE

Padre Fernando Fontoura

Eis-me aqui!...

OS insondáveis caminhos que Deus coloca no horizonte da vida de cada um, são sempre uma proposta, que requerem uma resposta circunstanciada ao momento e às “necessidades” da Igreja e suas obras. Para uma decisão pessoal, em resposta aos seus “chamamentos”, tal como aconteceu na história da caminhada com o seu Povo, a abertura de coração, a disponibilidade de arriscar nessa caminhada, tem quase sempre a mediação de pessoas, pelos quais Deus vai mostrando as suas intenções em relação a cada um dos seus filhos.

Como os caríssimos leitores do nosso “Gaiato” bem sabem, e sendo a primeira vez, gostaria de iniciar esta colaboração no jornal, com algumas bem merecidas palavras de agradecimento pelo acolhimento, pela forma amiga e pela fraternidade sacerdotal com que fui acolhido nesta Obra da Rua, Obra do Pai Américo.

O meu primeiro reconhecimento, além da intervenção solícita do Pai Américo junto do Senhor, vai claramente, e com um sentimento

de profunda gratidão, para o P.º Telmo Ferraz. Como é sabido de todos, ele é meu irmão sacerdote, do mesmo presbiterado da Diocese de Bragança-Miranda. Apesar de apenas me ter encontrado com ele, pouquíssimas vezes e de forma breve nas suas passagens pelo Paço Episcopal e Cúria Diocesana, o seu nome era um dos quais logo de início de vida sacerdotal fixei na memória, pois está no nosso anuário diocesano como Padre ao Serviço da Obra da Rua. Porventura foi esse o motivo da “Obra dos Gaiatos” permanecer no meu ideário, até porque os padres mais idosos tinham sempre uma palavra afável quando se referiam ao seu trabalho e da Obra que o tinha perfeitado, sem esquecer a marca que tinha deixado na sua acção pastoral por terras mirandesas.

O P.º Telmo vai desculpar, mas o facto de estar aqui a tentar escrever estas letras é tudo culpa sua... e das palavras de anuência do meu Bispo, D. José Cordeiro, ao qual presto também sincero reconhecimento por esta sua solicitude missionária com a Igreja, libertando um padre do seu presbitério. Deus colocou a Obra e os gaiatos no meu caminho pelo convite que o senhor foi dirigindo em vários “fóruns”, e que o Senhor quis fosse acolhido no seio da sua própria família, tornando-nos agora duplamente irmanados, como Sacerdotes de Bragança-Miranda e Padres da Rua! Na sua pessoa, gostaria de manifestar o mesmo sentir para com todos os padres da Obra da Rua, particularmente com os que já tive possibilidade de partilhar este tempo...

Padre Manuel Mendes

PÃO DE VIDA

Do Mosteiro à Casa do Gaiato

Foi tanta e tamanha a vida dos conventos que levam séculos a morrer! Resistem ao tempo, aos incêndios, aos vandalismos.
Padre Américo

EM alguns momentos sentidos de paragem no núcleo histórico de Paço de Sousa, como em 26 de Setembro de 2017, com outros Padres da nossa Obra, foi-nos pos-

sível verificar *in loco* o andamento da requalificação do Mosteiro de Paço de Sousa, em especial os interessantes vestígios arqueológicos revelados a nascente da capela-mor e do cemitério, em terreno da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Aconteceu pois que, em 18 de Abril de 2017, teve início um conjunto de obras, escavações arqueológicas,

trabalhos de conservação e restauro no Mosteiro beneditino do Salvador de Paço de Sousa, da Rota do Românico, nomeadamente na actual Igreja paroquial, com três extensas naves, da transição do românico para o gótico.

Vem isto a propósito da comemoração dos 75 anos da fundação desta Casa, pois nesse mesmo lugar teve

início outra comunidade de garotos da rua — Gaiatos — cujos primeiros Rapazes foram chegando da Casa-Mãe, nas cercanias de Coimbra. Nesse torrão de Paço de Sousa, muito ligado à fundação da nacionalidade portuguesa e pegado à terra natal (Galegos) de Padre Américo, onde deu os primeiros passos, foi dando assim outros passos seguros e fortes, de gigante da Caridade, com 55 anos de idade...

Continua na página 3

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

AINDA E SEMPRE SOBRE A PARTILHA SOLIDÁRIA — Já aqui falamos várias vezes sobre a partilha solidária, mas nunca é de mais voltarmos ao tema já que ele está no que é de mais essencial na acção vicentina. Ir ao encontro das pessoas que precisam da nossa ajuda, é partilhar com elas tempo da nossa vida. Angariar bens de que essas pessoas possam precisar é mobilizar para a partilha solidária outras pessoas que estejam dispostas a isso.

No mundo de hoje produzem-se quantidades cada vez maiores de bens que, muitas vezes, não chegam a ser usados plenamente pelos seus donos e que estão subutilizados, ou que acabam, mesmo, por ir parar ao caixote do lixo. Também quem possa precisar desses bens, muitas vezes prefere o que é novo, em vez de reutilizar o que já foi usado.

Por isso, vivemos num mundo onde há cada vez mais as oportunidades para a partilha, mas onde, ao mesmo tempo, também são cada vez mais as resistências a essa partilha.

Ora pode ir-se muito longe na resposta a problemas sociais se se incentivar e organizar a partilha solidária. Para além da partilha solidária (possivelmente combinada com formas adequadas de partilha comercial) contribuir para fazer face ao difícil problema da sustentabilidade de projectos sociais, ela também tem a função essencial de promover, na prática e não na conversa, essa solidariedade sem a qual não haverá verdadeira resposta aos problemas sociais.

Isto vem a propósito de várias situações pelas quais temos passado que nos mostram o muito que se pode fazer promovendo e organizando a partilha solidária, mas, também, o quão difícil isto é.

Deve ter sido por estas e por outras que Jesus Cristo, quando por cá andou, fez o chamado “Milagre da Multiplicação dos Pães”. Nesse milagre Jesus, com o seu poder divino, até poderia ter multiplicado por cinco mil os cinco pães e os dois peixes que um rapazito tinha trazido, mas, não deve ter sido isso o que de mais essencial aconteceu nessa altura. O que, de mais essencial, Jesus deve ter feito, nessa altura, foi incentivar a partilha solidária. Pegou nesses cinco pães e dois peixes, deu graças a Deus, e, depois, repartiu-os de maneira a que dessem para mais pessoas do que só para o rapazito que os tinha trazido. Assim, com a Graça de Deus, esse pouco, em vez de servir só a uma pessoa, serviu a mais gente. A partir desse gesto inicial de Jesus, mais pessoas começaram a fazer o mesmo, de tal maneira que, no final, chegou para todos e sobrou.

Repare-se que o que começou por ser partilhado era pouco e, à primeira vista, só dava para o seu dono: o tal rapazito que tinha trazido os cinco pães e os dois peixes. Quando esse pouco, com a Graça de Deus, foi partilhado com quem precisava, fez-se muito e levou muitos a fazerem o mesmo.

Recorde-se, também, que o acto que instituiu a Eucaristia e que esta repete em cada vez que é celebrada, é a partilha do pão.

Que Deus nos ajude a sermos capazes de partilhar o que tivermos, seja muito, ou seja pouco! □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Amigos associados e Leitores, estivemos muito tempo sem dar sinal de vida. Da minha parte peço desculpa. Apesar da ausência no nosso *O Gaiato*, temos estado activos, apoiando alguns dos nossos mais necessitados, particularmente com a entrega de alimentos que nos são fornecidos pela nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Ainda não agradecemos a prestimosa colaboração que o *Grupo de Motards de Cantanhede* nos deu no encontro anual de 2017, na preparação e distribuição do almoço para todos os Gaiatos residentes e os pertencentes à nossa Associação que se fizeram presentes. Agradecemos ainda todos os contributos para o almoço e lanche, bem como a afabilidade e amizade com que todos nos integrámos e convivemos.

Agradecemos também à Pastelaria do Parque, em São Martinho do Bispo, que habitualmente colabora connosco, fornecendo algumas bebidas saudáveis.

O nosso encontro anual realizar-se-á no dia 24 de Junho próximo. Será enviada convocatória para a Assembleia Geral com a respectiva agenda, bem como a circular com o programa do encontro, a todos os associados activos. Caso tenhas sido associado activo ou Gaiato na Casa de Miranda e queiras integrar-te, em ambiente de respeito e fraternidade, comparece e participa. Serás certamente bem recebido. Sugerimos no entanto que, se possível, contribuas com alguns componentes para o lanche, uma vez que este é oferecido por todos os que nesse dia comparecem ao encontro. Desejamos que te sintas tão bem, que venhas a sentir vontade de te integrar ou regressar à nossa Associação.

Recordamos todos os associados que este é ano de eleições para os Órgãos Sociais. Será muito bom que surjam novos elementos que queiram impulsionar a dinâmica desta Associação e aumentar os seus sócios efectivos. □

MOÇAMBIQUE

Rapazes de Moçambique

CELEBRAÇÃO DA CONFIRMAÇÃO DE 34 GAIATOS — No dia 6 de Maio, em que recordamos de modo especial as mães, sendo o primeiro Domingo deste mês dedicado a Maria, modelo de todas as mães, a nossa família viveu momentos de alegria e fé. 34 irmãos gaiatos receberam o sacramento da Confirmação, administrado pelo Sr. Arcebispo de Maputo, D. Francisco Chimoio, servindo a celebração como momento de encerramento da visita pastoral à paróquia da Beata Clementina Anuarite, de Boane. A celebração foi muito animada e com muita alegria, vivida com muita fé, em que na acção

de graças foram oferecidas para a comunidade, as cadeiras que tinham servido durante a missa. No final todos os 120 crismados e catequistas, reuniram-se no salão paroquial com a presença do Sr. Arcebispo, os Padres da Paróquia, e outros amigos dos crismados, e já com a participação do nosso Padre Fernando, que foi apresentado ao Prelado e à paróquia onde está integrada a Casa do Gaiato. Foi oferecido a todos um bolo com um sumo e cantaram-se os parabéns como felicitação pela sua perseverança na caminhada catequética. No final, muitos dos manos foram conviver com os seus padri-

nhos e familiares, tendo ficado para o jantar o nosso encontro familiar. E como muitas vezes sucede nesta Casa, houve uma linda surpresa, pois os padrinhos de 2 gaiatos com pessoas da comunidade e o Padre Director Espiritual do Seminário Diocesano de Santo Agostinho, nos brindaram com um bolo magnífico e outras ofertas em congratulação deste dia!

Bem-hajam a todos...

A todos irmãos da nossa Obra da Rua pedimos oração para que sejam firmes, no testemunho de vida cristã, que se propuseram viver enquanto discípulos de Jesus Cristo! □

PAÇO DE SOUSA

José Júnior

ANIVERSÁRIO DA NOSSA CASA — No próximo dia 31 de Maio iremos celebrar a fundação da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, que irá fazer 75 anos. Foi no dia 31 de Maio de 1943 que vieram os primeiros Rapazes para esta Casa, vindos da Casa de Miranda. Começaram a viver com o Pai Américo nos claustros do Mosteiro de Paço de Sousa, dedicando-se a pequenos trabalhos agrícolas e a cuidar de alguns animais domésticos, frequentando também a escola no Mosteiro, enquanto muitos operários iam construindo as casas da nossa Aldeia. Com o passar dos anos entraram nesta Casa muitos Rapazes que vinham da rua e com más condições de vida, para que não tivessem que roubar. Foram muitas centenas de Rapazes que passaram pela nossa Casa. Damos os parabéns a Pai Américo e a todos os que colaboraram com ele.

PRIMEIRA COMUNHÃO — Os nossos Rapazes que desejam fazer a Primeira Comunhão, têm tido uma pequena preparação para receberem Jesus na Eucaristia. Será no dia 31 de Maio, na Solemnidade do Corpo de Deus. São os nossos Rapazes da casa-Mãe, com mais de oito anos. Quando o nosso Padre Júlio perguntou quem queria fazer a Primeira Comunhão, estes Rapazes responderam logo que queriam tomar a Eucaristia.

PARQUE — Com os danos da vedação do nosso Parque infantil, o sr. Faustino tem estado a repará-la, para que os nossos visitantes que tragam os seus filhos para brincar no nosso Parque, tenham mais segurança. A vedação é feita com paus de madeira tratada, com prumos na horizontal e na vertical, formando um lindo desenho.

LENHA — Os nossos Rapazes que estavam disponíveis, estiveram a ajudar a cortar e a rachar os paus que aproveitamos das árvores que foram cortadas. Vários troncos foram para a serração para cortar em tábuas, que servirão para os nossos trabalhos de carpintaria. A lenha foi transportada e arrumada nos antigos galinheiros, pois no Inverno iremos precisar dela. Foi um belo trabalho feito pelo Paulo «Mudo» e pelos Rapazes.

José Júnior

COMEMORAÇÃO DOS 75 ANOS DA CASA DO GAIATO DE PAÇO DE SOUSA

31 de Maio

12:00h. – Eucaristia

15:00h. – Sessão comemorativa e de convívio entre Gaiatos de todos os tempos, suas famílias e Amigos da Obra da Rua, com tempo de partilha pela palavra, projecções, dança dos mais novos, etc.

18:00h. – Lanche partilhado no refeitório da Casa do Gaiato entre todos os presentes.

4º CONVÍVIO ANTIGOS ALUNOS DA TELESOLA — No dia 12 de Maio teve lugar em Paço de Sousa e pelo 4º ano consecutivo, o encontro dos antigos alunos da Telescola (Ciclo Preparatório TV) dos anos 1973/75 do passado século.

A recepção aos aderentes pelo “comité organizativo” a cargo do «Eusébio» e «Papa-Figos» deu-se como é costume no Largo do Cruzeiro, Capela e Escolas, da nossa Casa de Paço de Sousa. Padre Júlio, abriu-nos o “Museu Pai Américo” para recordarmos em espólio e naquele mesmo espaço, (outrora as salas da nossa escola) testemunhos daqueles tempos, que deixaram em lágrimas muitos dos presentes. Este ano para além dos professores Abílio Silva e D. Maria Teresa, tivemos também a presença carinhosa da nossa “Ti Geca” D. Maria Angélica, enriquecendo de fascínio com os seus comentários de testemunho perante o que se observava, que emociona e faz recuar no tempo.

De seguida, deslocámo-nos, como sempre fizemos, ao 2º Cemitério de Paço de Sousa para rezar e depositar flores no jazigo onde jaz o nosso irmão e antigo Presidente da Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Norte, José António Teixeira Pires «Toninho» bem como às campas do «Coradinho», do Fernando Dias e do Sr. Mota, antigo operário e mestre de obras da Casa do Gaiato. O nosso espírito engrandece, com este carinho e respeito que por eles sentimos.

Daqui saídos, fomos uma vez mais ao restaurante “O Moleiro”

do Sr. Alcino, pai do João que, não sendo Gaiato, foi nosso companheiro da Telescola.

Gaiato daqueles tempos, aguarda também por este dia, para confraternizar e estreitar amizades, que se querem para toda a Vida, como ensinou Pai Américo: «Meus filhos, não há separações! Não há incomunicáveis! Todos juntos!»

Simultaneamente, estudavam os Gaiatos da Casa, com alunos e alunas do exterior, alguns sempre presentes neste convívio. A instrução foi-nos dada à medida e moda da época por vários professores, mas mantivemos mais afinidade até pela sua louvável assiduidade e sentimento de proximidade para com os Gaiatos, a D. Maria Angélica Resende (nossa Tia Geca), a D. Maria Teresa Garcia e o professor Abílio Silva, de quem recordamos algumas célebres frases como: “sou mais que vosso pai” — “estou cá para vos ensinar e quem for burro que vá pra moleiro”, etc... com o Padre Júlio ali a ouvir-nos e a rir com estas peripécias que escutava e das nossas gargalhadas.

Foram anos da nossa infância e adolescência que passamos complementados com a formação escolar, vivendo em comunidade Gaiata, e quer queiramos ou não, marcaram para sempre as nossas vidas. Não fosse isso, nem estaríamos neste dia reunidos, instrutores e instruindo, a confraternizar mais um ano, recordando e cimentando a nossa partilha da inesquecível amizade que para sempre em todos ficou!

Elísio Humberto

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Sem dúvida que Paço de Sousa é um rincão com uma riquíssima história de séculos, em que o mais antigo documento existente, no *Livro dos Testamentos*, é o testamento do Abade D. Randulfo (22-2-994), ao Mosteiro de Salvador, *in uilla Palacioli*. De notar que, no século X, em *território da Anégia*, nas faldas do monte de Ordins, margem esquerda do Rio Sousa, foi fundado um velho cenóbio por D. Trutesindo Galindiz, que era tetravô de D. Egas Moniz († 1146), cujo nome (*Gamuz*) se encontra muito ligado à toponímia desse lugar tão significativo (torre, carvalho, ribeiro, ponte, presa e fonte). Célebre como *Aio* de D. Afonso Henriques e símbolo da lealdade portuguesa, foi seu *Mordomo-mor* (1135-1146) e terá sido o chefe da revolta contra D. Teresa e Fernando de Trava, desde Riba Douro até à batalha de S. Mamede, em Guimarães (24-6-1128). Tal como seu filho Mendo Viegas († 1137) e outra nobreza, foi enterrado com cenotáfio na Igreja de Santa Maria do Corporal (a norte e demolida em 1605).

De todo o povo simples e bom desta terra *debaixo do sol*, entre os monges beneditinos desse Mosteiro, homenageamos aqui três figuras gratas: D. Frei João Álvares, Abade reformador do Mosteiro, que conseguiu do Papa Paulo II a Bula de confirmação (10-1-1470) das novas *Constituições*; o Irmão Donato Fr. Manuel de S. Francisco, *devotíssimo de Nossa Senhora e frequente em visitar o Santíssimo Sacramento*, que morreu em *cheiro de santidade* († 18-12-1759); e Frei António da Assunção Meireles, um grande historiador beneditino, autor das *Memórias do Mosteiro* e enterrado no claustro, aos 47 anos († 15-6-1801). Contudo, lamentamos profundamente o decreto persecutório de 28 de Maio de 1834, de extinção das Ordens Religiosas, alegando serem *prejudiciais à população*... Expulsos à força os religiosos dos seus conventos, em tristes cenas de agonia, houve pilhagens e destruições, com perdas irreparáveis para a nossa história e cultura, como as livrarias monásticas, verdadeiro *Património da Humanidade*...

O Mosteiro de Paço de Sousa, depois de uma gloriosa existência de cerca de nove séculos de vida e evangelização cristã, foi entretanto comprado (com parte das suas propriedades, depauperadas em 1614 para os Jesuítas) por António Nunes Teixeira, comerciante do Porto. Em 23 de Março de 1871, aconteceu a arrematação judicial do Mosteiro e da cerca, no Tribunal do Comércio, no Porto, avaliado em 8 320,20 réis, e foi seu comprador Francisco José Ferraz. Em 1873-1874, Frei João de Santa Gertrudes Leite de Amorim, ainda tentou restaurar a vida beneditina... Porém, em 16 de Junho de 1876, por 14 mil réis, a Comissão Administrativa da Casa Pia comprou o convento e a cerca para aí instalar essa instituição. Depois, seguiram-se pavorosos sinistros, que fizeram

germinar uma valorosa Corporação de Bombeiros, a comemorar 80 anos de *vida por vida* (1938-2018). Na madrugada de 9 de Março de 1927, a Igreja paroquial sofreu um incêndio e o laborioso povo da freguesia ajudou a libertá-la dos detritos enegrecidos, seguindo-se obras de restauro, que foram inauguradas em 1 de Setembro de 1929. Na tarde de 21 de Outubro de 1940, ardeu a ala sul do antigo convento; e, em 15 de Fevereiro de 1941, um ciclone também causou estragos na freguesia de Paço de Sousa. Outras páginas desta história milenar continuaram a ser escritas nos campos, nas pedras e nos rostos desse lugar sagrado, outrora dos filhos do Patriarca S. Bento, testemunha antiquíssima de fé cristã arreigada.

Tal como Antoine de Saint-Exupéry legendou em 1943, para quem *só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos*, e a exemplo de S. João Bosco, *santo dos Rapazes* e homem de sonhos tornados realidade, o Padre Américo manifestava-se um verdadeiro homem de Deus e dos pobres, cuja fé inabalável em Jesus Cristo vivo lhe permitiu escrever, também nessa altura, este belo sonho:

Sonhara uma Aldeia com casinhas a espelhar, habitada por garotos da rua a cultivar a terra e a comer o pão com o suor do seu rosto. Vi escolas e oficinas; pomares e jardins; folgedos e descantes. A igreja era no meio. Crianças entravam ao repicar de sinos e dentro havia a mesma legenda dos antigos frades, num fundo de glória: ora et labora.

Nisto abri os olhos e nada mais vi do que as ruínas do convento descartado. Era um sonho!

— Fique por aqui, Padre; não vá para Arouca — *repete o mesmo senhor.*

Quantas vezes não teria sonhado com novos mundos o Infante de Sagres? Há sonhos que não são fantasia.

O auto de posse foi lido por um magistrado, solenemente. Nele se diz que eu sou o diretor da Casa e que fico isento de selo por não ser retribuído. Um senhor a quem contei a minha vida, deu-me trezentos contos de uma assentada, condoído; e mandou-me calar o nome.

É de realçar, ainda, que Pai Américo foi traçando um rumo bem definido para a sua acção: *O objecto da minha paixão é dar uma pátria aos estrangeiros que vivem nela; dar uma lei aos deles que vivem à margem da lei; marcar lugar e pôr a mesa aos que vivem sem talher. Dentro da mesma paixão, encontrei o seu equilíbrio: Se gratuitamente me fora dado o sentido dos males alheios, gratuitamente me obriguei ao trabalho de os aliviar, porquanto, àqueles a quem muito se dá, muito se pede.*

Adiante, veremos então alguns dos intervenientes amigos e decisivos destes momentos fundantes. E seguiremos, nesta pequena antologia, agarrados às fontes disponíveis, permitindo assim seguramente continuar a cerzir os primórdios da sede da Obra da Rua. □

BEIRE — A nossa Personagem do Ano...

Um admirador

Lambarice nem sempre é peccado de gula... É Domingo. O Maio refloresce com vigor. São 07:30h da manhã e o levantar, hoje, é só às 08:00h. O sol já desceu a serra de Louredo, a rendilhar de beleza este *Valmezio* onde a nossa quinta é. Atravesso a varanda emblemática da velha *Quinta da Torre*. Olho à direita e, lá ao fundo, na vacaria, vejo o Fernando e ouço as algaraviadas do *Carocha* e do *Sem Nome*. Andam atarefados a acarretar o penso da manhã para o gado — onze cabeças. Olho para a direita e lá anda o Jorge na rega dos seus mimos da horta; o Nelito a carregar o balde com a lavagem da noite para o pequeno almoço dos porcos. E o Carlitos, que sofre de obsessão compulsiva contra o lixo, lá anda a correr a quinta, de saco plástico na mão, a *apanhar o lixo para o contentor*.

Porque é Domingo, vou ao escritório buscar umas lambarices que prometi. Para *lamber a beíça* ao pequeno almoço, diz o *Tirapicos*. Dou graças por ainda haver tanta gente que, sobretudo no Natal e Páscoa, sempre se lembra de que há *filhos de ninguém* que também gostam de coisas boas como os *fidalgos* (filhos de alguém com algo...). Lembro Pai Américo, que gostava de dizer que “a boca dos pobres é igual à boca dos ricos” e que “também os pobres, às vezes, têm necessidade do supérfluo”. Hoje, até já a psicologia descobriu que, *de vez em quando, todo o homem tem necessidade de emoções fortes*. Que, afinal, podem ser colmatadas com uma *lambaricezita*... E logo a psicologia acrescenta que, quem não consegue satisfazer essa *necessidade de emoções fortes* pela via do positivo, irá procurá-lo por vias tortuosas. Ai a falta que faz nem sequer conhecer o **primeiro mandamento de valor universal** — *conheça as suas necessidades e o nível delas*...

Desço ao refeitório / cozinha e

vejo o Nána já de volta do fogão a preparar o leitinho com chocolate para o pequeno almoço da comunidade — de que é o “chefe maior”. Perto dele, está o Paulo Jorge, já de volta da vacaria, com as bilhas cheias do leite fresco que ordenhou das vacas. Apressa-me para o ir levar ao Calvário. De carro. Ele e o leite. Porque o carro sempre lhe dá um estatuto de *leiteiro fino*...

Na vida desta Casa, tudo me fala de tudo. Os nossos meninos ainda não desceram das camaratas. Estou sozinho — em silêncio e quietude — a tomar o meu pequeno almoço. Coisa rara. Saboreio este ouvir os *ecos do meu interior*. Porque é Maio — mês de Maria, *Mãe de Deus e nossa Mãe do Céu, sinto mais a falta de uma mãe nesta Casa*. Sobretudo à noite, antes do deitar e, de manhã, antes do dispersar. O carinho do deitar mai-lo sorriso alegre do levantar. Sinto muito essa falta de **uma mãe**, numa família destas. Porque eles, que não tiveram a mãe que os amasse lá trás, atempadamente, no dizer de S. João Evangelista (1 Jo 4, 20), ficaram como que incapacitados para compreender / sentir o amor da Mãe do Céu. E de amá-l’A e se Lhe confiarem em momentos de crise. Por isso precisam tanto de alguém aqui na terra. Alguém que encarne Maria de Nazaré — quer em Belém, a mimar e a *cuidar*, quer junto à Cruz, a *sofrer com*... Eles têm as idades que têm (entre os 30 e os 60), mas são (por isso se comportam como tal) umas autênticas *crianças grandes*, esfomeadas de carinho. Biofísica e psicicamente **pré+dispostas** a disparar torto, se o não encontram. *Crianças grandes* a resvalar cada vez mais para o *desgastadas*. Que, também nelas, *os anos não perdoam*.

Assaltam-me cada um dos rapazes e cada um dos nossos doentes. Dói-me vê-los assim desprotegidos, em matéria tão delicada.

Vê-los, cada um a seu jeito, sempre a mendigar atenção. Tão *abandonados ao seu abandono*... É fácil dar de comer, dar banho e afins. Com um *Faneca*, uma Glória, uma Tina ou um Lino, parece que essas são quase as únicas portas de entrada no mundo deles. Dói-me não poder dar-lhes **uma mãe**. Dessas que, não gerando no corpo, se deixam *engravidar no coração* e, chegada a hora, vão dando à luz a *Festa da Vida* que aqui sempre refulge, entre eles, em *momentos mágicos*. Num olhar, num sorriso, num estender a mão, num inclinar a cabeça a pedir a festinha... **Mães!** Uma lá em cima, no Calvário, e outra cá em baixo, na Casa dos Rapazes. Todos da grande *Família dos sem família*. Todos a pedir *cuidados de mãe*...

(...) — **Tu me fazes ser eu**... No escorrer de pensamentos e emoções, salta-me a história daquela família numerosa: nove filhos, casados, quase todos já com filhos. A mãe, com muitos anos e viúva, nas férias do Natal, gostava de reuni-los a todos lá em casa. Desde meninos que tinham este bonito costume: na sobremesa daquele repasto familiar, por rigorosa votação, era eleito entre todos os membros da família, o **personagem do ano**... A mãe, enquanto servia cada filho, discretamente mas com muita curiosidade, perguntava a cada um em quem iria votar naquele ano. Todos respondiam que iriam votar numa cunhada, num irmão, no último bebé que acabara de nascer...

Chegava a sobremesa e, com ela, a hora da votação. Contavam-se e recontavam-se os papelinhos. E aquela mãe, com uma satisfação muito mal dissimulada, via que em cada um dos papelinhos era ela a eleita. Todos os anos, por unanimidade, a **Personagem do Ano** era a mãe. □

MOÇAMBIQUE

Padre Fernando Fontoura

Continuação da página 1

Um cumprimento bem sentido aos gaiatos atuais e “antigos”, às Senhoras das nossas Casas, às Irmãs Missionárias Mercedárias de Malanje e demais colaboradores e amigos da Obra que já conheci pessoalmente e em tão pouco tempo da minha presença no seio desta família.

No sentido de completar esta saudação inicial, incluo, igualmente, as palavras de cumprimentos aquando da chegada à Casa do Gaiato de Maputo:

A primeira evocação que gostaria de fazer era acerca da paternidade dos nossos Pais fundadores da Obra que nos antecederam: Pai Américo que esperamos em breve o poder louvar como modelo de Santidade reconhecido pela Igreja, mas que todos nós o devemos ter já presente no coração e como intercessor junto de Deus. E no seu seguimento, recordo o P.º José Maria, o Pai fundador desta nossa Casa do Gaiato de Maputo. Também espero contar com a sua presença espiritual para dar continuidade a esta família na paternidade que nos é solicitada ao Padre dos gaiatos...

Um agradecimento e reconhecimento caloroso bem merecido à “mãe” solícita e generosa que tem sido e decerto continuará a ser a Irmã Quitéria por todo este tempo e vida dedicada a seus filhos nesta família do Gaiato de Moçambique esperando me ajude na minha generosidade com todos vós...

Uma palavra a vós Gaiatos da Casa que tem como lema: *Obra de Rapazes, Para Rapazes, Pelos Rapazes*... Pois a razão desta família sois cada um dos

que aqui viveis como irmãos. Os actuais gaiatos, mas todos os filhos mais velhos da família que aqui encontram e continuarão a encontrar um verdadeiro lar... todos podereis contar com a minha amizade e solicitude de pai/padre da Obra da Rua.

Uma palavra também a todos os colaboradores/ amigos e outros membros da Casa que com a sua generosidade e alguns de uma forma totalmente voluntária têm contribuído para a harmonia desta Família...

Ao P.º Rafael, padre da Obra que com a sua disponibilidade tem ajudado a retoma de toda a caminhada familiar nesta Casa, pela sua experiência de paternidade ao serviço na Casa de Malanje. Pessoalmente tenho de agradecer imenso a sua bondade para comigo e o exemplo de Pai e Padre tem manifestado, até pelo facto de aqui estar presente acompanhando-me estes dias, mostrando esta sua solicitude fraterna.

Gostaria de sublinhar que esta presença junto de vós, se deve ao convite feito pelo Padre Telmo Ferraz, fundador da Casa de Malanje em Angola. Pois solicitou ao meu Bispo, na Diocese de Bragança-Miranda, um padre que viesse para a obra e dois anos depois aqui estou... e feliz por sentir uma imensa alegria e satisfação na vossa presença. Gostaria de terminar rezando um Pai Nosso, tendo presente o Pai Américo e Padre José Maria, e uma Avé-Maria a Nossa Senhora e mãe querida no início de mais um mês mariano!

Feliz mês de Maria! □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • obradarua@iol.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

www.obradarua.pt

https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 20800

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

AINDA é tempo Pascale a sua alegria induz-me também a dar notícias alegres aos meus Leitores.

Aquela senhora, a quem arrumaram a casa pelo telhado de lusálite, aqui falada há quinzenas, veio pedir-me que fosse ver sua casinha. Para ela, dei somente quatro telhas de sanduíche de onze metros de comprimento por um de largura. O resto, foi obra dos vizinhos, também pobres, que, ao condoerem-se da situação, foram capazes de lhe deixar o tecto muito bem rematado.

— Venha ver como está tão bem a minha casinha. Já se nota a diferença. Agora está muito mais aconchegadinha.

— Pudera! —, rematei logo. — Não há-de estar?! Com umas telhas daquelas! Não se comparem nada à lusálite, gelado no Inverno e um forno no tempo quente!

— Olhe para o tecto —, exprimia o seu consolo. — Como está lindo!... Foram os meus vizinhos! Demorou... mais foi.

A sexagenária, que vive sozinha, exultava em louvores e gratidão a Deus aos vizinhos e a mim. É uma senhora muito simpática e muito limpinha, apesar da sua viuvez e vida amarga. Os dois filhos meteram-se na droga e já morreram. Levantava as mãos erguidas e os olhos para Deus dizendo-me que sente quanto Ele a ama!

Eu pensava comigo: Deus está no coração de todos os que colaboraram nesta obra com tanto sacrifício! Louvado seja Ele por estas telhas e por quem me ajudou a comprá-las.

Esta viúva vive de ervas aromáticas que vai apanhar nos montes e na Serra Aire. Anda por lá uns dias e regressa com os seus feixes e sacas que depois vende em casa e às ervanárias. Tem muitas saudades do seu marido e expressa-as com admirável elevação. — Era um homem muito bom!

A sua vizinha vive numa espedunha e apontava-me a morada coberta de lusálite e resguardada por plásticos.

— Já viu como eles vivem? — Eles os filhos, as noras e os netos!...

Apresentou-me a senhora mais ou menos da sua idade: — Agora foi multada e anda a tirar da boca para pagar a multa.

— Já viu como isto é? Com o marido entrevado, com o vidro do carro partido foi multada por andar assim sem arranjar o carro velho.

A vizinha já me havia abordado para eu a ajudar. Já paguei multas, mas agora deixei de o fazer. Elas têm, muitas vezes, um aspecto pedagógico que não é de desprezar, mas naquele caso pareceu-me que a misericórdia estava acima da pedagogia. A chover, a pobre senhora é multada no caminho, por conduzir com o para-brisas rachado.

— Oh!, senhor policia, abra um pouco mais os olhos e veja o que está por trás deste acontecimento! Eu reconheço que a lei lhe dá razão, mas a sensatez nega-lha. Quanto não custa a esta pobre pagar cem euros!?! Para qualquer pessoa remediada não é tão difícil, mas para esta gente?!... Não valeria mais uma repreensão, uma

ameaça ou, até, um susto? Do que tirar-lhes o pão?

Lá lhe dei cem euros para aliviar a pobre mulher daquele terrível pesadelo.

Quero também confidenciar aos Amigos do Património dos Pobres uma amargura do submundo onde me mexo.

Fui visitar aquele casal que ajudo na reconstrução da sua casa e me admirei de ele ter posto azulejo na cozinha na sala e no corredor como já frisei.

Agora vim a saber que o fez com dinheiro emprestado por alguém que julgava ser amigo tendo combinado remir o empréstimo por cinquenta ou cem euros mensais.

Pois o homem apanhou-o na rua e exigindo que lhe devolvesse o dinheiro imediatamente, dá-lhe uma grande sova.

Eu vi com os meus olhos a mossa dos socos e murros quer na cara quer no peito. Chamou-me à parte, mandando os filhos saírem de casa e ficou só com a mulher para me exhibir as contusões e me dizer que tremia de medo — Que o gajo ameaçou-me de morte.

Ainda duvidei, se aquilo não seria uma farsa para me extorquir dinheiro mas, depois, certifiquei-me da verdade. O agressor transformou a ameaça por um trabalho bem forçado: — Carregar e descarregar à mão lixo de obras durante três meses seguidos, ganhando à roda de quinhentos euros mensais.

Ainda receei que pudesse ser uma armadilha, mas não foi.

Este é um mundo desconhecido da sociedade que se diz organizada. □

ERA O ANO I, N.º 7

Pai Américo

O rapaz abandonado, o filho das ruas, adora o clima em que vive, onde acha infinitas doçuras. Nem sempre o que chega às nossas casas, conquista. A adaptação, em regra, é lenta e muito dolorosa. Nada no mundo que sobrepuge a caça ao tostão, a ponta do cigarro, o grupinho, a noitada. (...)

Um caso: O Luiz é vedeta, de Bêco. Um dia apareceu de saco na mão, para ficar. Tem uns olhos de azeviche. É meigo e inteligente. Cansou-se num instante do bem que procurava. Não se adapta. Geme:

— Deixe-me ir embora, pelas alminhas do purgatório! Tinha a rua atravessada no coração; queria respirar!

Resolveu-se mandá-lo aviar um recado à cidade justamente para onde ele queria ir e ficar. Ele conhece todas as lojas, de namorar o que está lá dentro... para os mais! Deu-se-lhe um porta-moedas recheado. À noite regressa com compras e contas, importante. Mediu responsabilidades. Sentiu-se homem. Esqueceu mágoas. Jogou-se uma cartada e ganhou-se a partida. Hoje é o nosso procurador!

Mas este Luiz é um mundo. Ele tem pais e a Obra da Rua é para os sem família. Batem-nos à porta todos os dias os pedidos, os feirantes, os pedintes, os aleijados, - a legião da mocidade portuguesa!

— Olha Luiz, tens de ir para casa, porque tens família.

Olhou com duas lágrimas roliças e não disse nada, nem nós dissemos mais. Tempos andados, de novo chamámos o pequenino, e muito encostadinho ao peito, meigamente, que ele também o é, pedimos que nos dissesse o que havíamos de fazer à multidão crescente de desamparados.

— Traga-os para a nossa casa.

— Não vês que nos falta espaço?

— Arranje casas para nós, mas não me mande embora, pelas alminhas do purgatório!

As lágrimas caem sempre de muito alto e batem muito fundo!

São violentas. Ninguém resiste. Aquele para nós, em vez de para mim, como fez, foi ordem de comando.

O Luiz venceu. Forças vivas da nação. Ricos e pobres. Seitas e credos. Imprensa Opinião. Tudo e todos abrem caminho, à passagem do recoveiro que leva o recado do feliz gaiato: — arranje casa para nós!

Talhado para grandes coisas, ele levanta o brado de misericórdia e pede ao mundo que seja clemente, dando aos seus irmãozitos da rua, todo o bem que ora desfruta. Nunca se viu tamanha generosidade em tão pequenino coração; ele anda a mudar os dentes! □

BENGUELA

Padre Manuel António

O Amor verdadeiro deve encher os nossos corações

TIVEMOS hoje, como é habitual, a Reunião dos Chefes da Comunidade da nossa Casa do Gaiato de Benguela. É necessário manter este encontro regular. São os filhos a quem está confiada a missão de acompanhar a vida normal dos seus irmãos. Na medida em que a sua responsabilidade for animada, mais eficiente é o seu trabalho. São fermento mergulhado na massa dos membros da família numerosa para que não perca a beleza do bom comportamento, em ordem ao presente e ao futuro. No grupo dos Chefes está, sem dúvida, um dos segredos da eficácia dos bons resultados educativos. Por isso, o seu acompanhamento pessoal e em grupo é um factor importante, na vida da nossa Casa do Gaiato. Como numa casa de família natural, os filhos bem acompanhados pelos pais e pelos irmãos mais velhos, são uma oportunidade maravilhosa para um bom ambiente familiar. Queremos que os nossos filhos se preparem o melhor possível para o seu futuro familiar natural.

Esta nossa Reunião, porém, foi marcada por um acontecimento maravilhoso. O Luís António, um dos Chefes mais velhos, celebrou, ontem, o fim do seu Curso Universitário, com a defesa da tese da Licenciatura, com 18 valores. Uma maravilha autêntica! Os seus irmãos, nesta Reunião dos Chefes, quiseram manifestar a sua alegria,

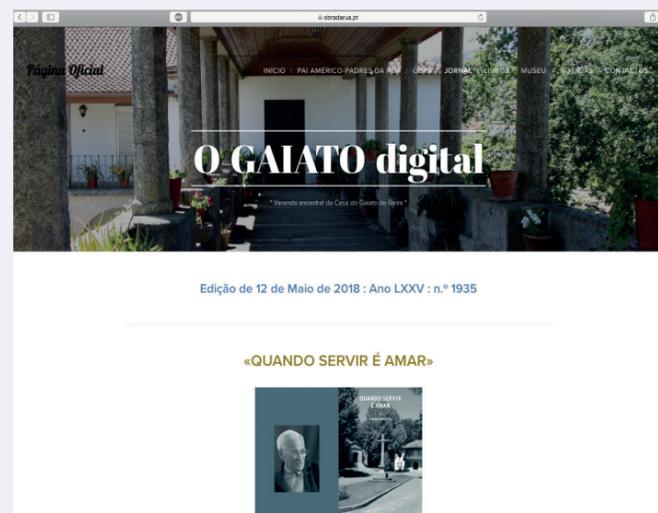
de forma extraordinária. É, sem dúvida, um fruto do verdadeiro Amor da Casa do Gaiato para com os seus filhos. O tesouro guardado na pessoa do Luís António ficaria infecundo e perdido, sem o Amor e o carinho da nossa Casa do Gaiato. A sua correspondência à oportunidade que lhe foi dada revela, também, a beleza da sua personalidade. “Fazer de cada rapaz um homem” é o Lema da Casa do Gaiato. Se não houver a devida correspondência da parte do Rapaz, este ideal não poderá ser alcançado. Vamos dar continuidade a este passo da sua vida. Estivemos juntos, em contacto com um empresário bancário, para que a vida do nosso Luís António tenha o seu futuro garantido, com um emprego digno e compensador. Temos esperança. Que este exemplo seja, na verdade, um estímulo para que todos os rapazes façam tudo o que puderem para pôr a render o tesouro variado das suas pessoas. Que todos os filhos tenham, realmente, condições para cumprir este programa.

O Amor verdadeiro deve encher os nossos corações. Temos que amar-nos uns aos outros. O modelo e a causa deste Amor onde está? Temo-lo no mesmo Amor que Cristo teve e tem para conosco. Se há um valor que não pode faltar na nossa vida é o Amor. Pai Américo, ao fundar as Casas do Gaiato, foi impelido pelo Amor de Jesus

Cristo que O levou a dar a Sua vida pelos homens. Por isso, todos os homens, os mais pobres, em especial, encontrem o coração de cada um de nós cheio de amor. Há dias, quis ir ver a casa, onde mora uma pobre mulher que nos procura com muita frequência. Vive quase abandonada. Este encontro foi a solução humana digna para aquela pobre. O Amor é o caminho certo para manter a dignidade dos que caíram na miséria e necessitam do necessário para viver. Queremos viver na unidade. O segredo está no Amor. Muitas crianças abandonadas continuam à espera. O Amor nos pressiona para buscarmos todos os meios para as salvar. Esperamos o emprego para alguns rapazes mais velhos. O Caminho de Ferro de Benguela é uma das portas que se abre. Pedimos este dom com muita insistência e com esperança. Hoje, de manhã, fui pessoalmente, acompanhado dum dos rapazes candidatos, entregar os documentos necessários para o ingresso na empresa.

O Abrigo dos Pequeninos passou-nos o recado de que tem sete crianças à espera da Casa do Gaiato de Benguela. O Amor mantém o nosso coração muito aberto, à espera da hora feliz. Quando o pobre necessitado te pedir ajuda, faz tudo o que puderes para o ajudar. Não lhe fecheis os vossos corações. Recebei um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa e vossa querida Casa do Gaiato de Benguela. □

Página da OBRA DA RUA na internet



Visite o nosso site e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. □